

# RSA preocupada com a Comunidade de Países de Língua Portuguesa

A formação da Comunidade de Países de Língua Portuguesa foi recebida a semana passada na África do Sul como um desafio e um sinal de aviso face à eventual diluição da preponderância deste País como «rei e senhor» da África Austral.

O horizonte de um novo canal privilegiado entre o Brasil e Moçambique concentra os argumentos e as premissas para o sinal de alerta agora lançado. Se as ligações atlânticas entre o Rio e Luanda são de longa data, o alargamento dos canais brasileiros à costa in-

dica africana é uma história completamente diferente.

«A chave para a África Austral, excluindo a África do Sul, é Moçambique. Linhas ferroviárias de Maputo e Beira correm para o Zimbabué, Zâmbia, Maláwi, Suazilândia e até mais longe e, sendo um País com as suas principais cidades na costa, Moçambique está melhor posicionado do que a maioria dos outros países da região para escapar ao domínio sul-africano.

«Este Estado de coisas poderá ainda ser facilitado se Maputo encontrar um pa-

trono forte. O Brasil poderá desempenhar esse papel», avisou uma fonte próxima do assunto, frisando que o Brasil é para o espaço lusófono o que os Estados Unidos representam no anglófono.

A nova Associação (de Países de Língua Portuguesa) deverá conduzir a um grau de influência brasileira em Maputo. Atribui-se ainda ao Brasil o «nono ou décimo» PIB mundial e uma das economias mais diversificadas e industrializadas no hemisfério sul.

Parte do sucesso industrial brasileiro tem sido a criação de corporações multinacionais indígenas, especialmente no campo da construção. «Algumas já têm subsidiárias nos EUA, Grã-Bretanha e França e um certo número está ainda bem estabelecido na África Ocidental e desejo de expandir o âmbito das suas operações».

Segundo a fonte, este desenvolvimento poderá constituir um desafio para a África do Sul. Representa, ainda, um sinal de aviso, contra o excesso de confiança dos empresários e diplomatas locais, no que diz respeito à preponderância regional de Pretória.

«Para Moçambique, a nova associação pode servir obviamente como escudo contra uma excessiva influência da África do Sul. Um processo de paz bem sucedido em Maputo permitirá ao País surgir de novo como veículo aos países do interior, dando-lhes uma alternativa à África do Sul».

Outro aspecto a notar, de acordo com a fonte, é a admissão por Pretória, até aqui posta de parte, de que não pode exportar os seus produtos para a região sem

oferecer, em troca, um mercado aos países vizinhos.

«O que acontecerá se o Brasil decidir deixar entrar exportações moçambicanas — e talvez de outros países da África Austral — sob condições melhores no seu vasto mercado?», questionou a fonte, sublinhando que, apesar de hipotético, este horizonte possível poderá transformar a Comunidade Lusófona numa «dor-de-cabeça» sul-africana.